

Eleições na
UNE e na ANDES
pág. 5

A estréia da
coluna social
pág. 7

Molecagens
em Sorocaba
pág. 8

porã, duba

PUCSP — 12/5/86 — nº 113

Testamos a segurança da PUC.



O rapaz que carrega a máquina é guardador de carros aqui na PUC. A pedido do Porã'duba, ele simulou um roubo e foi bem sucedido.

Ela falhou.

Carta dos editores

A PUC não é uma exceção dentro do clima de insegurança vivido em São Paulo. Mas a concentração de mais de dez mil pessoas, todos os dias, em um espaço relativamente reduzido cria condições ainda mais favoráveis à violência. O que tem sido feito para enfrentar o problema? Os repórteres Gerson Sintoni e Claudia Giudice, testaram a segurança da PUC e constataram que ela não funciona.

A reportagem é um alerta para a necessidade de se reprocessar uma saída criativa para o problema. A repressão é incompatível com a universitária, mas a segurança individual e do patrimônio deve ser garantida a qualquer custo. Além de criativa, a solução deve ser urgente.

Entre tantas preocupações políticas mais gerais, esse talvez seja um bom tema para os candidatos que, nos próximos dias, estarão disputando as direções das entidades nacionais de estudantes e professores: UNE e Andes. Os repórteres do Porã'duba vasculharam as tendências existentes

no movimento estudantil e dão um quadro que tem o objetivo de ajudar os eleitores na escolha das chapas. As posições dos professores são menos diluídas, mas pela primeira vez duas chapas concorrem à diretoria da Andes e, em cada uma, há um professor da PUC. Para votar é sempre bom saber quem é quem.

O Porã'duba faz, neste número, novas experiências. As opiniões sindicais, estudantis e da Reitoria, que ocupavam esta página, estão sendo substituídas por outras seções. A modificação foi feita depois da constatação das seguidas repetições entre as opiniões e as reportagens das páginas seguintes. Para evitar isso, as opiniões deixam de aparecer aqui, mas seu espaço continua garantido em todo o corpo do jornal. Outra experiência que oferecemos a você é uma divertida coluna de "notas sociais", onde examinamos os fatos e as pessoas da PUC com a lente do humor. Se a situação está de chorar, então esta é uma boa hora para rir.

COMISSÃO EDITORIAL EXECUTIVA
Professores — jornalistas: Laurindo Leal Lalo Filho (re. Min. Trab. 12.110 Mat. 300)
Gabriel Priolli (reg. Min. Trab. 361 — Mat. Sind. 4967)
Valdir Mengardo (reg. Min. Trab. 12.347 — Mat. Sind. 6707)
Funcionária Jornalista — Vera Lúcia Ramos da Silva
Aluna de Jornalismo — Claudia Giudice de Menezes.
Redação
Mara Gama (edição), Nelcy Del Grossi (reportagem), Gerson Sintoni (reportagem e fotografia), Claudia Giudice de Menezes (reportagem e fotografia) Valdir Mengardo e Regina Delfino (Projeto gráfico e logotipo), Silas Botelho Neto (diagramação) e Hilton Mercadante (ilustração).
Colaboraram nesta edição: Eduardo de Vasconcelos Lobo, Rubem Roschel, Sônia Servilheira, Murilo Marrone Ribeiro, Silvio Roberto Mieli, Paula Cristina Veneroso.
PORÃ'DUBA circula quinzenalmente com distribuição gratuita e é editado sob a responsabilidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Rua Monte Alegre, 984 — São Paulo — SP — CEP 05014 — Tel (011) 263.0211 ramal 227.
Composição e Impressão: Cia Editora Joruês. Tiragem 15.000 exemplares.
PORÃ'DUBA, em tupi: notícia

Poucas

&

Boas

As filas
do xerox

O fim dos xerox clandestinos foi bem recebido, de maneira geral, pela comunidade. Afinal era um absurdo que pessoas estranhas à Universidade, usando seus espaços e consumindo sua energia elétrica,

faturassem à vontade. Só que eles prestavam um serviço que, até agora, não foi substituído à altura.

As filas nos xerox existentes são enormes e, muita gente, perde um tempo precioso à espera de uma simples cópia de texto.

A procura dos serviços de xerox justifica sua rápida ampliação.

Pouco dinheiro

O Ministro da Educação, Jorge Bornhausen, anunciou no dia 23 de abril, em Brasília, a liberação de Cz\$ 73 milhões para instituições públicas e privadas do ensino superior. Isso representa apenas 40% do que estava previsto, criando um clima de desapontamento nos reitores presentes ao ato.

Até agora o dinheiro não chegou, mas quando chegar já tem destino. Ele só poderá ser aplicado na implantação dos projetos "Biblos" para melhoria de bibliotecas e "Micros" para aquisição de microcomputadores.

Para salários, nada.

Resposta do ministro

Na reunião com o ministro, o Reitor da PUC, Luiz Eduardo Wanderley, junto com outros reitores de universidades particulares, solicitou que o MEC distingua claramente as universidades com preocupações comunitárias das exclusivamente mercantilistas, perguntou como o governo vê a presença das particulares no ensino superior e se há ou não interesse governamental num processo de federalização. Solicitou, também, uma resposta urgente às solicitações de verbas para as universidades particulares.

O ministro respondeu que considera fundamental a presença das particulares, que não há nenhuma orientação de federalizar, mesmo por que não existem recursos e que a Constituinte será o lugar adequado para a definição de um novo sistema de ensino.

Florestan Fernandes

Uma oportunidade rara para se discutir a vasta obra do professor Florestan Fernandes, sem dúvida um dos mais importantes intelectuais brasileiros. É a Jornada de Estudos Florestan Fernandes que será realizada de 22 a 24 de maio no campus de Marília da UNESP.

Serão desenvolvidos nove temas que vão desde depoimentos pessoais de Antonio Candido, Fernando Henrique Cardoso, Eunice

Durham e Helelieth Saffioti sobre o trabalho de Florestan Fernandes, até as suas idéias sobre o Marxismo e a Revolução. Da PUC participarão os professores Octavio Ianni, um dos organizadores da Jornada; Carmen Junqueira, Edgard de Assis Carvalho, Elide Rugai Bastos e José Paulo Netto.

Invasão no Paraguai

Invasão não é privilégio da PUC. No dia 24 de abril os alunos de direito da Universidade Católica de Assunção, no Paraguai, estavam realizando uma assembleia quando foram vítimas de uma invasão do tipo que nós conhecemos bem. Cassetetes e bombas de gás lacrimogênio acabaram com a assembleia deixando vários estudantes feridos.

Na mesma semana, o professor Laurindo Lalo Leal Filho, um dos editores do Porã'duba foi impedido pela polícia de dar um curso no auditório que havia sido reservado pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraguai. As aulas acabaram acontecendo em locais alternativos e o caso ganhou ampla repercussão na imprensa, o que já demonstra um certo isolamento do regime do General Stroessner, há 32 anos no poder.

Novos equipamentos

O curso de computação da PUC já tem garantidos os equipamentos necessários para seu funcionamento. No dia 25 de maio foi assinado um contrato com a empresa Dismack para a compra de dez microcomputadores e formalizado um acordo para a instalação de duas impressoras no Centro de Ciências Matemáticas, Físicas e Tecnológicas da Marquês de Paranaguá.

Também o esperadíssimo equipamento de vídeo do curso de Jornalismo, importado do Japão, acaba de chegar ao Brasil e já está na alfândega. Ele substitui o equipamento que foi roubado no ano passado, numa das habituais visitas dos amigos do alheio ao Laboratório de Vídeo. Vamos ver se, desta vez, os alunos vão ter tempo, ao

menos, de tirar os aparelhos das embalagens, ou se eles "sumirão misteriosamente", ainda com cheirinho de novo.

Trancamento tem preço

Trancamento de matrícula custa agora Cz\$ 50,00. A decisão foi tomada no último dia 30, na reunião do Conselho de Administração e Finanças da PUC (CAF). Foi constatado que cerca de 10 mil alunos trancam matrícula em alguma disciplina, a cada semestre, e isso gera um custo operacional que até agora não era cobrado dos alunos.

"Big apple"

Mas nem todas as decisões do CAF são tão rápidas e simples. Nessa mesma reunião a conselheira Dulce Mara Critelli reclamou da fragmentação das informações trazidas para o debate o que, segundo ela, dificultava as decisões. "O CAF precisa ter acesso a todas as informações, ainda que resumidas", afirmou Dulce, lembrando uma velha luta existente na Universidade por informações claras e precisas de sua administração.

Prometendo organizar os documentos disponíveis para as próximas reuniões, o vice-reitor administrativo Alípio Casali acabou comparando a PUC "a uma grande maçã, 'the big apple'. Você morde, mas a dentada escorrega".

Escorrega há tanto tempo que, quando morder mesmo, é capaz da maçã já estar toda bichada.

Conselho da Educ

A Editora da PUC tem agora um Conselho Editorial eleito pelo Conselho Universitário. São seus integrantes os professores Paulo Freire, Flavio Di Giorgi, José J. Queiroz, Leila Barbara, José Manoel de Arruda Alvim, Sergio Luna, o estudante Carlos Cavalcante e a funcionária Hisako Miyashiro. Compõem ainda o Conselho a vice-reitoria acadêmica, Silvia Lane e a diretoria da Educ, Maria do Carmo Guedes.

Cartas

Falha dos autores

"Por falha nossa, no penúltimo parágrafo do artigo 'O arrocho salarial se impôs', da edição 112 desse jornal, um substantivo distorceu todo o sentido do texto. Vimos assim, solicitar que seja dado o destaque ao sentido correto da frase que é a seguinte: 'Assim, o reconhecimento elementar da importância (e não impotência, como saiu) de nossa paralisação de protesto é fundamental para reconstituirmos a nossa unidade e fortalecermos a Apropuc e a Afapuc para os próximos embates'."

Erson Martins de Oliveira, 1º Secretário da Apropuc

Briga no futebol — 1

"Lamentamos e repudiamos os incidentes ocorridos em jogo na quadra da PUC. Pedimos sinceras desculpas pelo lamentável incidente, e reafirmamos nosso apreço e consideração por todo o corpo docente da PUC. Somos a favor do esporte e esperamos que todos os nossos 'atletas' possam se imbuir dos valores peculiares à esse exercício físico e mental. Que a competição seja gratificante, não pelo resultado favorável, mas pelo espírito de luta em igualdade de condições e de dignidade com o colega".

Antonio de Paulo Silva, Assessor Administrativo da Cortez Editora e Livraria.

Briga no futebol — 2

"Efetivamente o jogo realizava-se sob clima de grande violência face a péssima atuação do juiz, quando o atleta Prof. Francisco Caseiro Neto foi deliberadamente agredido por um 'atleta' da equipe adversária, fato este que provocou, em legítima defesa, os tumultos la-

mentáveis que se seguiram. Lembramos que a equipe da Apropuc está atualmente em primeiro lugar em sua chave, com cinco pontos ganhos, sendo certo que o time da Apropuc jamais esteve perdendo o referido jogo, uma vez que em todos os momentos esteve na frente (1 a 0, 1 a 1 e 2 a 1). Com relação ao fato de que os professores 'não contentes em perderem na bola (afirmação mentirosa conforme o relatado) perderam também na 'briga', esclarecemos que a contenda teve continuidade após o litígio, com os professores garantindo em campo o placar vitorioso assegurado com a habilidade dos seus atletas. Com relação a referida 'vítima', professor Celso Antonio Pacheco Fiorillo, informamos que passa muito bem."

Flavio Secolin, advogado da Apropuc.

Cerp, Vida ou morte

"Novamente a entidade dos pós-graduandos, Cerp, encontra-se fechada e esquecida. Ater-se aos fatores que levaram ao fechamento não cabe aqui. O que se deve colocar é que o Cerp está de vida e a morte. Uma entidade de representação, que é um espaço para o livre-debate e porta-voz de reivindicações, não pode ser simplesmente levada à extinção assim. É preciso reabrir o Cerp, ocupar este espaço conquistado! Convocamos, pois, os estudantes pós-graduandos para uma reunião, cuja pauta principal é a discussão do processo eleitoral e eleição de uma nova diretoria que assuma a representação do pós. Todos à reunião! Pela reorganização do CERP! Dia 19 de maio, às 17.30 hs., na sala 421."

Celso Aoki, estudante de pós-graduação da PUC.

A correspondência para o Porã'duba deve ser entregue na redação (subsolo do prédio novo) ou enviada para a Rua Monte Alegre, 984, Cep 05014 — São Paulo, SP. Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.



Assaltos à mão armada, furtos e agressões físicas cercam o cotidiano da PUC, transformando-a num dos lugares mais inseguros e violentos das Perdizes. Cada vez mais a comunidade se sente ameaçada e exige uma segurança mais eficiente. Externamente, o problema é da Polícia e não se pode fazer muito mais do que pedir providências. Mas a segurança interna também tem falhado continuamente e esse é, talvez, um problema ainda maior.

Para demonstrar como é frágil a segurança do campus Monte Alegre, o Porã'duba resolveu fazer um teste. Combinamos com um guardador de carros, o "Suco", que ele entraria na redação do jornal e simularia o roubo de uma máquina de escrever. Suco foi escolhido porque tivemos informações de que sua entrada na Universidade foi expressamente proibida pela Reitoria. Mas, como ficou claro, a ordem não está sendo observada.

De posse das chaves da redação, Suco entrou no campus pela rampa da Monte Alegre, sem nenhuma dificuldade. Às 13h30 de uma terça-feira, ele abriu a porta e levou a máquina, percorrendo um trajeto elaborado para que ele passasse por lugares onde normalmente existem guardas. Saiu da redação no sub-solo do prédio novo, voltou sem qualquer problema pela rampa e saiu ao lado da Reitoria. Igualmente sem ser molestado, ele atravessou a rua, entrou pelo corredor do Jornalismo e só foi barrado por um segurança quando chegava ao destino final de sua aventura: a rua Cardoso de Almeida. Aí Suco alegou que tudo não passava de uma simulação, mas o guarda errou. Em vez de detê-lo, para a devida averiguação, deixou-o com a máquina e foi "tomar informações com a chefia". Se quisesse, Suco teria fugido com o seu "roubo".

Descoberto o teste, a reportagem foi chamada a dar satisfações ao encarregado do setor de segurança, Estevo Zacarias

Cuide-se

Você vive numa Universidade insegura



Fotos Gerson Sintoni

da Silva (vide quadro), que considerou a idéia "lamentável", pois, segundo ele, desmoraliza a segurança da PUC e expõe suas fragilidades. Também informado, o vice-reitor Administrativo, Alípio Casali, ficou irritado com a falha e disse que não está satisfeito com a segurança, explicando que "por causa da estabilidade dos funcionários, me vejo de mãos amarradas para agir". Alípio considera a segurança um assunto delicado, já que, em seu entender, "é muito difícil conciliar o campus como espaço de liberdade de pensamento e expressão com a preservação do patrimônio físico e pessoal".

Alvos Frequentes

A dificuldade em conciliar este problema não diminui, entretanto, o número de roubos

que vem vitimando a PUC. O Departamento de Jornalismo é um alvo freqüente, sofrendo dois roubos em menos de um ano. Em ambos os casos, foram abertos sindicância interna e inquérito policial, mas até agora não se chegou a nenhuma conclusão. Dentro da PUC, nem o patrimônio do Estado está a salvo. Em 1984, a agência do Banespa viveu um assalto cinematográfico, com ladrões tomando reféns e levando todo o dinheiro.

Não é difícil entender porque isso acontece quando se examina os requisitos mínimos para se exercer o cargo de segurança na PUC. O candidato passa apenas por uma entrevista técnico-psicológica e por uma prova de redação. Habilitação específica e experiência anterior não são imprescindíveis, pois, segundo Nilza Tescarollo, assessora de recursos humanos, o segurança da PUC

tem características especiais, já que está limitado em sua ação e, por isso mesmo, sua eventual experiência pode ser até mesmo prejudicial. "O importante é a presença física do segurança e não a sua atitude ostensiva", diz Nilza, explicando a filosofia de trabalho adotada atualmente pela Reitoria.

Rui Vieira Neves, 41 anos, trabalha há um ano e meio como segurança, na entrada da rampa. Ele conta que, no caso de violência, não pode reagir, porque "a Reitoria não garante". Por isso, ele diz que, em vez de agir como guardas de fato, "nós apenas prestamos informações ao público". Outro guarda, Manoel de Oliveira, que trabalha no prédio velho, acha que a PUC não é segura "porque os guardas não andam armados". Mas a Reitoria acha que é assim mesmo que deve ser. O vice-reitor co-

munitário, Antonio Chizotti, admite que existe uma defasagem entre as necessidades da segurança e sua realidade. Porém, ele afirma que "os guardas não são policiais, devem apenas preservar as pessoas e o patrimônio, controlando a atividade normal da Universidade".

Curso para os Seguranças

Mas as dúvidas sobre o seu papel não são o único problema da segurança da PUC. Ela também é escassa: são apenas 32 guardas trabalhando em cada um dos três turnos de vigília. Alípio Casali diz que a Reitoria tem planos de contratar uma firma particular para patrulhar o interior e arredores do campus após o fim do expediente. Esta medida torna-se de fato muito necessária, considerando o que informa o delegado titular do 23º Distrito Policial, Leonidas Pereira de Almeida. Ele diz que não existe nenhum esquema especial de policiamento para a área da PUC, apesar dos pedidos da Reitoria. "O nosso efetivo disponível é pequeno", justifica.

Enquanto não se adotam medidas mais amplas, a Reitoria decidiu organizar um curso para os seguranças, a cargo do professor Dino Galvão Bueno, do Departamento de Psicologia. Nesse curso, os seguranças discutirão problemas e simularão situações de seu trabalho cotidiano, para encontrar as formas ideais de conduta, sem, contudo, receber treinamento em armas, defesa pessoal etc. A idéia é que esse trabalho preliminar sirva de base para que a comunidade discuta, posteriormente, o perfil ideal do segurança da PUC.

Se resolverá alguma coisa, é difícil prever. Mas o certo é que, se a situação de segurança do campus não for examinada com decisão e enfrentada com coragem, o faroeste vai atingir níveis tão intoleráveis que, em breve, a violência das invasões policiais por motivos políticos parecerá brincadeira de Carnaval.

O chefe da segurança é um torturador?

Estevo Zacarias da Silva é um dos suspeitos de envolvimento no espancamento e morte de José Antônio Bassani, ocorrida na estação Carandirú do Metrô, em 23 de agosto do ano passado. Nessa época Estevo era Inspetor do Corpo de Segurança do Metrô, cargo que exercia há seis anos, e sua participação no incidente, apontada pelo relatório da Comissão de Sindicância, foi suficiente para o Metrô demiti-lo, junto com mais dez funcionários, por justa causa.

Apesar disso, Estevo, que é 2º Tenente da Reserva E Infantil, vêm exercendo normalmente desde fevereiro o cargo de Encarregado do Setor de Segurança e Vigilância na PUC.

Procurado pela reportagem do Porã'Duba para dar sua versão sobre o incidente. Estevo negou-se a qualquer explicação, alegando que o processo está em andamento na Justiça. Afirmou apenas que na época da sua contratação a Reitoria tinha conhecimento do episódio do Metrô e confirmou que a sua demissão havia sido por justa causa.

José Tarcísio de Carvalho Neves, assistente de Serviços Administrativos, diz que na época da contratação apareceram quatro pessoas interessadas na vaga. Como a pessoa responsável pelo recrutamento e seleção estava de férias, a Reitoria convocou o próprio Tarcísio e o professor Antônio Penteado, Coordenador de Serviços Administrativos, para fazer as entrevistas com os candidatos. O resultado das entrevistas apontou Estevo Zacarias como a pessoa mais indicada ao cargo. A ficha de Estevo foi checada no Metrô e, segundo Alípio Casali, vice-reitor administrativo, a PUC obteve informações formais, seguras e por escrito de que ele não foi dispensado por justa causa e não havia nada em sua ficha que desabonasse a sua conduta. Alípio afirma, inclusive, que a Reitoria possui esse documento.

No entanto, de acordo com o Relatório da Comissão de Sindicância designada pelo metrô para apuração do incidente, em poder desta redação, "cada um dos envolvidos cooperou, por ação ou omissão, no resultado fatal. E o

suficiente para a demissão por justa causa, sem outras cogitações dos seguintes funcionários: Sidney de Macedo, Estevo Zacarias da Silva, ..."

O Relatório ainda revela que o corpo de José Antônio Bassani apresentava múltiplas lesões, dificilmente atribuíveis a um só autor e, portanto, o relatório levanta as seguintes alternativas quanto à participação dos demitidos: "Praticaram ou concorreram para a consecução de tais lesões. Omitiram-se em fazer com que elas cessassem. Deixaram de providenciar socorro médico à vítima. Omitiram fatos e informações graves ao longo dos acontecimentos e nas declarações já prestadas".

Todos esses fatos já eram de conhecimento da Afapuc, que vem tratando sigilosamente do assunto com a Reitoria há um mês. Em ofício confidencial enviado à Reitoria em 25 de março, a entidade dos funcionários afirma que "chegamos à comprovação de que o novo encarregado da segurança não é digno da nossa confiança" e pede a sua demissão.



Frei Betto:

“A libertação nasce das bases”

Seu livro é sucesso internacional e serviu para reaproximar o Vaticano de Cuba.

Frei Betto com seu livro “Fidel e a Religião” realizou dois feitos notáveis: mais de um milhão e duzentos mil exemplares vendidos em todo o mundo e a aproximação do Vaticano com Cuba.

O Centro de Estudos da Religião aproveitou o mote e promoveu, no último dia 6, a segunda palestra de uma série de três, sobre “A Igreja em Cuba”, com a presença do autor.

O livro “Fidel e a Religião”, mais que best-seller (editado em 10 países e no Brasil já na 13ª edição) repercutiu profundamente no mundo católico. O Papa João Paulo II pronunciou-se a respeito salientando que o livro foi de grande importância para a Igreja em Cuba e para o próprio Fidel Castro, que, segundo o Papa, fez uma autocritica de suas posições em relação à Religião.

A posição favorável do Papa aproxima a Igreja do socialismo? Sim “agora os cristãos cubanos (5% da população) vão mostrar que a Igreja pode estar desvinculada do processo capitalista”. Sobre a aparente con-

tradição entre este fato e a desaprovação oficial da Teologia da Libertação, Frei Betto diz que “a Igreja também somos nós. É como uma família, formada por membros com opiniões diferentes entre si”.

Pessoalmente, ele acha que é preciso reconhecer que na Igreja não há lugar para atitudes conservadoras, apesar de considerar a heterogeneidade uma riqueza. As contradições entre o alto e o baixo clero ficam mais evidentes quando se trata dos conflitos internacionais. Frei Betto considera que “o Papa não compreendeu a verdadeira situação da Nicarágua, esmagada pelo terrorismo norte-americano”. Para ele, este é um dos erros da Igreja — “temos mais erros que todo mundo e por isso temos de pedir perdão a Deus todos os dias”.

Os erros e a justiça da Igreja, segundo Frei Betto, são diferentes na cúpula e nas bases, apesar do conceito ser o mesmo. Mais envolvido com as bases, ele desenvolve um trabalho junto às Comunidades Eclesiais de Base desde 1974 e

hoje é assessor da Pastoral Operária na região do ABC.

“Nas bases surgem os anticorpos para combater os virus. Pouco a pouco estes anticorpos ficam mais fortes até que finalmente nasce a libertação” e como para ele liberdade não tem carimbo, a aproximação das CEBs com o socialismo não é um contra-senso.

Porém, para o alto clero brasileiro esta aproximação não é tão justificável assim, posição que se pode notar no episódio da PUC do Rio de Janeiro, de onde foram expulsos os professores Pedro Ribeiro de Oliveira e Henrique Kasselmeier, teólogos identificados com uma proposta de libertação.

Frei Betto considera que “este é um ato inquisitorial que compromete e desgasta o nome da Igreja”, que na sua opinião deveria ficar a margem de empreendimentos capitalistas como escolas.

“Fidel e a Religião” perspassa todas estas contradições, sendo uma boa opção para todos aqueles que acreditam como Frei Betto que “libertação se faz ou não”, sem chance de meio termo.

Urplan discute saídas para o caos urbano

“O Poder Local e a Democracia no Brasil: participação popular e cidadania nas áreas metropolitanas” é o tema do curso de extensão promovido pela Urplan que está discutindo, todas as semanas na PUC, as difíceis condições de vida nas grandes cidades.

A questão urbana está sendo discutida e reavaliada num curso promovido pela Urplan (Instituto de Planejamento Regional e Urbano). Contando com a participação de mais de 50 pessoas (alunos da graduação e do pós, profissionais e técnicos ligados ao urbanismo, além de pessoas envolvidas em associações de bairro e comunidades), o curso discute questões fundamentais para quem vive e convive nas grandes metrópoles.

Na primeira aula do curso, o prof. Luis Carlos Costa (substituindo Cândido Malta, impedido de comparecer) procurou, a partir do caso de São Paulo, remontar um histórico da evolução e desenvolvimento das grandes cidades desde a década de 50 até os dias de hoje.

A segunda aula, no dia 30 de abril, começou uma hora mais tarde graças ao caos urbano. O prof. Cândido Malta Campos, professor da FAU/USP e fundador da Urplan, ficou retido num enorme engarrafamento.

Na palestra ele discutiu a questão urbana nas áreas metropolitanas, fazendo uma espécie de tipologia das cidades, dividindo-as em: grandes metrópoles, aglomerações urbanas de porte médio, com áreas interligadas (São José dos Campos, Jacareí, Taubaté) e áreas metropolitanas dispersas (Ribeirão Preto, Pelotas).

Nos três casos porém, ocorrem os mesmos movimentos de transformação, como a superintensificação das novas Centrais e a rarefação das periferias, fenômeno que o professor atribui à especulação imobiliária e à falta de planejamento

na desapropriação das áreas, principalmente as centrais.

Segundo o professor, a terra é uma mercadoria que sofre valorização contínua, o que confere aos empresários da área imobiliária um alto poder de barganha dificultando o planejamento de cunho social. Como consequência, as cidades crescem com desigualdades espaciais, que se manifestam na falta de áreas verdes, de espaço viário, nos transportes deficitários e na tendência à verticalização — geração de prédios cada vez maiores, com mais pessoas — exigindo uma infra — estrutura de serviços básicos que as cidades não possuem.

O agravamento desses problemas provoca o famoso caos urbano, vivido por todos. O professor Malta acredita, porém, que existe solução através do controle da especulação imobiliária e da desapropriação, já que enquanto o crescimento das periferias em relação às zonas centrais não for equilibrado, teremos que conviver com a falta de serviços e o excesso de tráfego de pessoas.

O Brasil subdesenvolvido está ainda distante de um modelo urbano como o de Tóquio, onde a organização e planejamento interferem decisivamente no cotidiano da população, transformando a vida social através de jornadas de trabalho noturnas e mini alojamentos para os trabalhadores. Mas, em diversos aspectos, as cidades brasileiras, aproximam-se de algumas cidades orientais, podendo se tornar uma espécie de Nova Delhi latino americana, símbolo do caos urbano e social.

Aprovado Seminário para debater a PUC

Na última reunião do Consun (Conselho Universitário), dia 23 de abril, foram votadas duas propostas sobre a realização do Congresso Universitário para deliberar sobre a crise da PUC.

A Afapuc e os funcionários fizeram uma proposta no senti-

do de definir diretrizes e datas para o Congresso Deliberativo. Os alunos, representados por Carlos Cavalcante, apresentaram uma outra proposta, que se assemelha à proposta inicialmente feita pela Reitoria, de um Seminário Consultivo para agilizar o processo de discussão. Carlos coloca que a cri-

se não é simplesmente financeira, mas educacional, sendo importante organizar a discussão antes de definir quem deve “pagar a conta”.

As duas propostas foram votadas, vencendo, por 13 votos (ponderados) contra 11, a idéia do Seminário, marcado para a

última semana de maio ou começo de junho.

O Seminário levantará questões gerais da Universidade: A Universidade e a PUC; Autonomia Universitária e a Universidade Católica hoje.

José Rocha, presidente da Afapuc, que teve sua proposta

derrotada, é contra a “decisão de adiar para o futuro incerto uma providência que deveria ser imediata”. Como voto vencido, Rocha diz que vai continuar brigando por outras vias, promovendo junto à Apropuc reuniões abertas para programar atividades e incentivar a discussão.

Diretas Já

Estudantes e professores aquecem as urnas para eleger suas novas lideranças.

Cinco anos depois da controvertida decisão de seu 33º Congresso, que reinstalou o sistema de eleição indireta, a União Nacional dos Estudantes (UNE) volta a eleger uma nova diretoria através do voto direto dos estudantes brasileiros. Nos próximos dias 4 e 5 de junho, serão convocados às urnas cerca de 1,5 milhão de universitários, para escolher uma entre as cinco chapas já inscritas para a eleição e dar início ao processo de rearticulação do Movimento Estudantil, imerso há anos numa profunda maré vazante.

Esta não será a primeira vez que a UNE promoverá eleições diretas. Em 1979, no congresso de reconstrução da entidade, decidiu-se abandonar o sistema indireto adotado desde sua fundação, em 1937, em coerência com a palavra de ordem lançada pelos estudantes, de eleições diretas em todos os níveis. Mas a experiência durou apenas até 1981, quando um novo congresso optou pelo retorno ao sistema tradicional. Agora, por decisão de seu 37º Congresso, realizado recentemente em Goiânia, cerca de 2800 delegados e 1500 estudantes de todo o país reinstalaram o voto direto, numa apertada votação em que a atual diretoria (ligada ao PC do B) foi derrotada por 350 votos.

A vinculação das tendências estudantis aos partidos políticos, com a decorrente acusação de "aparelhismo", é exatamente uma das questões centrais do atual movimento estudantil. Enquanto algumas correntes sustentam que vai tudo bem nessa linha, outras apontam o afastamento dos estudantes

UNE

de sua entidade máxima e defendem uma postura mais "sindical", com o retorno do ME e da UNE às preocupações mais diretas dos universitários, como o custo e as condições do ensino.

Mas a volta das eleições diretas, com certeza, reacende as esperanças de renovação da UNE.

Em apenas uma semana, as cinco chapas lançaram-se na disputa, oferecendo alternativas políticas que cobrem o espectro ideológico da direita à esquerda. A situação vem com a chapa "UNE Livre", encabeçada por Gisela Mendonça (Letras — UFMG) e vinculada politicamente ao PC do B. Já uma fração dissidente da situação aliou-se ao PMDB e ao MR-8 para lançar a chapa "Arrebentar a Boca do Balão", que tem à frente Ari Decker, atual presidente da UEE do Paraná. Este grupo, segundo um de seus líderes, Cláudio Sena, da UEE-SP, pretende "redefinir o ME, mudando sua lógica atual para uma mais sindical, voltada para os estudantes". Sem negar a instrumentalização da UNE pelos partidos, Sena defende que a entidade seja apartidária, ressaltando que "o processo contra o aparelhismo é de amadurecimento".

Com objetivos semelhantes, mas com posições políticas opostas, está a chapa "Tem Que Dar Certo", da qual participam três estudantes da PUC, entre os quais o candidato a presidente, Daniel

Gerber, do 4º ano de Administração. A chapa é ligada ao PTB e ao PFL, e segundo os puquianos, não vai escamotear sua vinculação, porque não vê problemas nisso. Ela investe nas aspirações mais cotidianas dos estudantes, já que, como constatou Gerber, "o estudante não tem nada a ver com as propostas de esquerda. O jovem de hoje é progressista e democrata". A chapa apóia Sarney e o Plano Tropical, além de nutrir admiração por Jânio.

Completam o quadro eleitoral duas chapas de esquerda. "Pra Sair Dessa Maré", encabeçada por Jefferson Calafa (UFPE), é apoiada pelo PRC e Convergência Socialista (duas tendências abrigadas no PT), além do PDT e de independentes de esquerda. Já "A UNE fomos nós", que ainda vai tentar mudar o nome de registro para "A Borduna Democrática", saiu mais como uma chapa de protesto, irreverente, já que a maioria de seus integrantes tentou boicotar o último congresso da UNE. Encabeçada por José Carlos Vaz (História e Administração da USP), tem alguns simpatizantes ligados ao PT, mas não tem vinculação partidária, a ponto de ser apontada como anarquista. "Qualquer tendência é rançosa e quem faz algo alternativo é taxado de anarquista", critica um de seus membros, Sérgio Luiz de Cerqueira.

Rançosas ou alternativas, aparelhadas ou sindicais, as chapas já tem um encontro marcado aqui na PUC, antes da eleição. No próximo dia 14, às 19h30, o CA de Letras promove um debate entre as chapas na sala 333 do prédio novo. É o momento de avaliar com objetividade se a UNE merece um voto de confiança, antes do voto na urna.

ANDES

Os professores da PUC têm bons motivos para participar da eleição da 4ª Diretoria da ANDES (Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior), entre os dias 19 e 23 de maio, nas urnas espalhadas pelas unidades Monte Alegre (em frente a APROPUC), Marquês de Paranaguá, DER-DIC e Sorocaba. Pela primeira vez duas chapas estão concorrendo, cada uma delas com um professor da PUC disputando a Vice-Presidência da região São Paulo.

Silvia Helena Borelli, do Departamento de Antropologia, é candidata pela "Chapa 1: ANDES Autônoma e Democrática". As propostas de sua chapa aproximam-se das universidades particulares na medida em que pressupõem um processo de mudança do ensino privado para o ensino público e gratuito. Verbas públicas seriam destinadas às universidades particulares desde que estas cumpram alguns requisitos: democratização interna de todos os seus órgãos colegiados e órgãos de controle, condição de articular e canalizar verbas à pesquisa, capacitação docente, extensão e serviços públicos.

Quanto a PUC, a prof. Silvia está em dúvida se os docentes querem a federalização, estatização, municipalização ou um projeto misto entre Fundação mantenedora e recebimento de verbas públicas controladas. De qualquer maneira realça que "é preciso discutir a redefinição do estatuto das mantenedoras, senão nunca perde-se a vinculação com uma mantenedora que, objetivamente, não nos mantém, já que vive-se das mensalidades dos alunos".

Ainda em relação as instituições privadas, a defesa do docente do ensino superior, defendida pela Chapa 1, visa investir na estruturação da carreira, extinção da hora-aula e luta contra as demissões arbitrárias. O nome: "ANDES Autônoma e Democrática" resume, segundo sua candidata, não só algumas outras propostas importantes como marca as diferenças de objetivos diante da outra chapa. "A ANDES é um instrumento inserido no interior dos movimentos sociais que deve ser independente e autônomo do Estado, partidos políticos, credos religiosos, e o seu controle político precisa ficar nas mãos dos associados; além disso, a chapa 2 defende o princípio do ensino público gratuito mas se recusa a discutir verbas".

Não vendo maiores divergências entre as duas chapas, o Prof. Alcides Ribeiro Soares, da Faculdade de Economia da PUC, define sua Chapa 2: ANDES Hoje em Defesa da Universidade, como sendo uma grande e ampla frente democrática, apartidária e progressista. Contra a privatização do ensino superior e mercantilização da educação, concentra a discussão das verbas, no caso da PUC, na existência de muitos interesses, da própria Igreja, que inviabilizam sua estatização plena. Mas a chapa está disposta a lutar pela federalização da PUC, ao lado de professores e alunos, principalmente com o auxílio de "verbas federais geridas de forma comunitária".

Sem detalhar procedimentos e formas de transição do ensino privado para o público, a Chapa 2 prefere apostar na melhor ocupação dos espaços democráticos já conquistados, na sua ampliação e na busca de mudanças na correlação de forças atualmente existentes na sociedade.

O MAPA POLÍTICO DA PUC

Entidade Estudantil	Área	Estrutura	Chapa no Poder	Presidente	Tendência Partidária	Posição para Eleição da UNE	Próxima Eleição
D.C.E.	Universidade	Autogestionária; sem diretoria formal	"Vão"	—	PT, na maioria	Não reconhece a legitimidade da UNE	Não definida
CALS	Letras	Colegiado; sem cargos definidos	"Lingua"	—	PT, na maioria	Apóia a chapa "Pra sair dessa maré"	Não definida
Leão XIII	Economia, Contábeis, Atuariais e Administração	Hierárquica; cargos definidos	"Tem que dar certo"	Miguel Antonio Giacommo	Dizem não ter, mas intitulam-se liberais	Não apóia nenhuma chapa	Maio/87
CACS	História, Geografia e Ciências Sociais	Autogestionária; sem diretoria formal	"Autogestão"	—	PT, na maioria PC do B, a oposição	Não reconhece a legitimidade da UNE	15 de junho
CAE	Pedagogia e Fonoaudiologia	Colegiado; sem cargos definidos	"Unificação"	—	Diz-se apartidária	Não definida	Começo de junho
Benevides Paixão	Jornalismo	Autogestionária; sem diretoria formal	Sem diretoria no momento	—	PT, na maioria	Não definida	Ainda no 1º semestre
C.A. Psico	Psicologia	Apenas com diretores sem cargos definidos	"Sugestão"	—	Independentes de esquerda	Não definida	Final de outubro
22 de Agosto	Direito	Hierárquica; cargos definidos	"Vox Populi"	Marcus Elidius Michelli de Almeida	Diz-se apartidária	Não apóia nenhuma chapa	Começo de novembro
Camafi	Matemática, Física e Computação	Colegiado; sem cargos definidos	"Criatividade"	—	Independentes, próximos ao PT ou ao PMDB	Não reconhece a legitimidade da UNE	Novembro
Vital Brasil	Medicina e Enfermagem (Sorocaba)	Hierárquica; cargos definidos	"Baço"	Alexandre Vicente de Andrade	Diz-se apartidária	Não definida	Não definida
C.A. Filosofia	Filosofia	Centro em formação	—	—	—	—	Possivelmente em junho
CASS	Serviço Social	Atualmente está desestruturado	Sem diretoria no momento	—	—	—	Não definida



OPINIÃO

Tradução/
Transcrição/
Transculturização

A tradução de uma obra de arte verbal é uma prática semiótica especial. Visa a surpreender o intra-código (as "formas significantes") que opera no interior do poema de partida (original) e redesenhá-lo no poema de chegada. Para isto, procura desvelar o percurso da "função poética" segundo o poema (aquela função que, segundo Jakobson, é auto-referencial, volta-se para a materialidade mesma da linguagem, para as relações de som e sentido e para a coreografia das estruturas gramaticais). De posse da "metalinguagem" que essa desvelação propicia, intenta reconfigurar esse percurso no texto traduzido (melhor dizendo, "trans-criado"), com os recursos da língua do tradutor ampliados ao influxo violento da língua estrangeira. A tese do "estranhamento" (helenizar e latinar o português, como fez entre nós Odorico Mendes e, em alemão, praticou Hoelderlin) é afirmada por Walter Benjamin, com base em Goethe e Rudolf Pannwitz. De Benjamin ("A tarefa do tradutor", 1923) é também a idéia da "língua pura", para a qual convergiria o "modo de intencionar" ou de "encenar" de todas as línguas, para além do mero conteúdo literal e independentemente de parentesco etimológico. Essa "língua pura", de um ponto de vista semiótico, pode ser repensada como o "intra-código" acima aludido, reexportável de língua a língua.

O tradutor criativo é um "transculturador": amplia as possibilidades de sua língua no choque com a língua estrangeira e enriquece o patrimônio cultural de sua literatura, integrando nele, como poemas "trans-criados" e que tendem, no limite, à autonomia e à rasura da origem (neste ponto, discrepo de W. Benjamin), grandes textos da literatura universal. Pense-se em Ezra Pound e a poesia chinesa, por exemplo.

São Jerônimo, grande tradutor/transculturador, elogiado modernamente por Valéry Larbaud por ter hebraizado o latim, recriou belamente o famoso refrão do Eclesiastes (II,1), em hebraico *havel havalim/hakol havel*, por meio de uma construção aliterativa *Vanitas vanitatum/omnia vanitas*, vertida tradicionalmente para o português como: "Vaidade das vaidades, tudo é vaidade". *Vanitas*, embora etimologicamente tenha a ver com *vanus* (vazio), abstratizou-se em "vaidade". Alguns tradutores modernos (Martin Buber, André Chouraqui, Henri Meschonnic) têm procurado recuperar a concretude do vocábulo hebraico (*hével*: "vapor", como em "vapor d'água", "sopro") e buscado soluções nessa linha, com palavras como *Dunst*, em alemão; *buée* ou *fumée* em francês. Em minha tradução, buscando conciliar a força concreta do original com o seu desenho fônico e sintático, optei por: Névoa de nadas / tudo névoa-nada.

Haroldo de Campos

Professor Titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica.

Conversa com Beckett

Na PUC, uma homenagem aos 80 anos do teatrólogo irlandês.

O Centro Acadêmico de Letras (CALS) e a Artecultura, Empreendimentos e Edições Ltda., promoveram no último dia 29, na sala 333 (auditório do 3º andar) do prédio novo, uma palestra sobre a obra do escritor e teatrólogo irlandês Samuel Beckett. A palestra, chamada "Conversando com Beckett" teve como expositores a atriz Lélia Abramo, que em 1977 encenou "Esperando Godot", de Beckett, e o diretor de teatro Rubens Rusche, atualmente dirigindo o espetáculo "Katastrophé", formado por quatro pequenas peças inéditas do autor irlandês. Outro convidado foi o ensaísta e crítico Nelson Ascher, que não pôde comparecer.

Essa palestra foi o último dos eventos paralelos ao projeto "Beckett 80 anos", promovido pela Artecultura, que entre 7 e 29 de abril organizou projeções de filmes, exposições fotográficas e o lançamento de um livro, relativos à obra do teatrólogo.

Programada para as 20 horas, a palestra começou com vinte minutos de atraso com a apresentação de um vídeo — falado em inglês mas legendado — sobre a vida e a obra de Samuel Beckett. O vídeo durou cerca de 20 minutos e depois, durante quase uma hora e meia, foi a vez dos debatedores, mediados pelo aluno Gilberto Pedrosa (2º ano de LLP). No auditório, cerca de 70 pessoas assistiam.

Primeiro a falar, Rusche disse que faz Beckett no Brasil "por uma questão particular", porque "foi uma coisa muito visceral em minha vida". Para ele, "o teatro de Beckett exige uma postura mais de relaxamento" e o artista tem que se colocar em xeque pois é assim que Beckett faz com as palavras, explorando toda a relação dramática entre o dizer e o não-dizer. Essa relação, em "Esperando Godot", por exemplo, está próxima de "uma dramaticidade em que usam-se as palavras de maneira crítica", segundo Rusche, "à procura de verdades mais profundas e do uso da palavra como meio de comunicação". Ele acredita que o autor se impõe constantes depurações e, principalmente em suas peças, há um progressivo questionamento, levando à "morte da razão pelo choque da linguagem. À morte do 'eu', que caminha em direção ao nada".

Lélia, que começou se desculpando por não ser versada em Beckett, disse que o teatrólogo irlandês faz personagens que "não têm vida, não têm passado e não têm futuro" e que, por isso "para os atores, Beckett não tem a ver com o resto dos autores de teatro". Para ela, "Beckett você lê e você sente. Não através da lógica e do esmiuçamento da palavra. Tem que procurar outras formas". Em "Esperando Godot", por exemplo, são as pausas que dão dinâmica à peça. Essas mesmas pausas, segundo ela, foram retiradas da



Foto cedida por Artecultura

Quem é Samuel Beckett

Samuel Beckett nasceu na Irlanda em 1906. Aos trinta anos, radicado na França, entrou para a religião protestante. Travou amizade com James Joyce, que o influenciou no início de sua carreira. Considerado grande revolucionário do século XX, alcançou o sucesso em 1953 com "Esperando Godot" (escrito em 1948). Sua obra teatral está classificada dentro do "teatro do

absurdo", que encara a linguagem não como um meio de comunicação, mas como um obstáculo entre os homens, reduzindo-os à solidão. Prêmio Nobel de Literatura em 1969, escreveu para teatro, cinema, rádio e TV. Vive isolado na França e, apesar dos 80 anos, continua escrevendo, principalmente para televisão.

montagem brasileira, feita em 1977 pelo diretor Antunes Filho. "Os espetáculos sempre levam para uma única conclusão: um personagem depende do outro e cada um não depende de nada". Continua, dizendo que: "Beckett é negativo, ele não propõe nada ao público que deve aceitá-lo como ele é. Eu me encantei com esse autor porque ele consegue fazer algo totalmente novo. Senti muita poesia em Beckett apesar dele fugir da poesia".

Rusche volta dizendo que o maior problema de Beckett como escritor, "é que ele não tinha nada a escrever", dentro de sua proposta de falar o mínimo para dizer, criticamente, o máximo. Outra característica de Beckett, segundo Rusche, é adequar-se às peculiaridades lingüísticas dos vários veículos em que trabalha — ele já escreveu, além de

livros e peças, roteiros para televisão, cinema e peças radiofônicas —. "É um verdadeiro bruxo da linguagem".

Respondendo a uma pergunta da platéia sobre a inclusão de Beckett entre os autores do "teatro do absurdo", Rusche disse que: "o teatro do absurdo é um saco onde se enfiou muitos gatos. Sua maior característica é a presença do elemento intencional, presença do humor e da destruição da racionalidade sem nenhuma reconstrução, o que não se enquadra no teatro de Beckett. O teatro de Beckett é o teatro da condição humana". Finalizou dizendo que "as obras de Beckett são obras em aberto e não se pode dizer que sejam isso ou aquilo", e que o irlandês, atualmente, divide com o argentino Jorge Luís Borges, o título de melhor teatrólogo vivo. Cai o pano.

Teses de Maio

Aqui está a relação das teses que serão defendidas em maio:

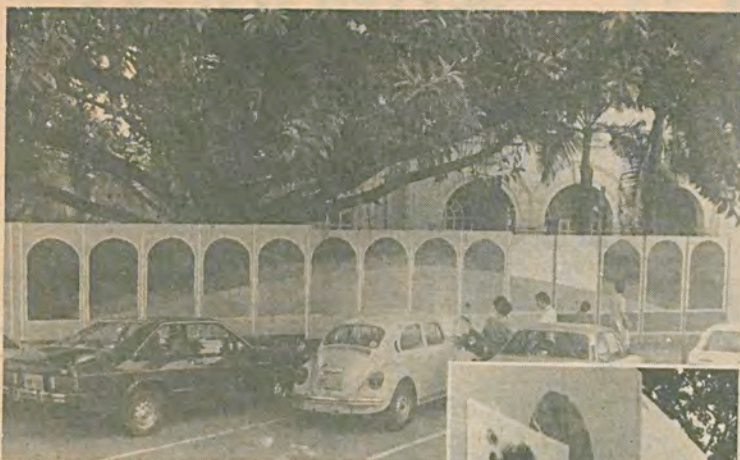
- "Vida Torta — Instantâneos de um Projeto Marginal", de Maria da Graça Chamma Ferraz, no programa de Psicologia Social, orientadora — Prof.^a Suely Belinha Rolnik. Dia 16/5/86 às 14 hs.
- "Psicoterapia — Diagnóstico ou

Cura", de Annamaria Sanino, no programa de Psicologia Clínica, orientadora — Prof.^a Yolanda Cintrão Forghieri. Dia 20/5/86 às 14 hs.

- "Viver — Fingir representar — Clarice Lispector/ Tarsila do Amaral/ Cacilda Becker", de Elaine da Graça de Paula Caramella, no programa de Comunicação e Semiótica,

orientadora — Prof.^a Dra. Lucrécia Ferrara. Dia 19/5/86 às 14:30 hs.

- "What Now, Alice — Lewis Carroll as seen through the critical looking class", de Julian Francis Nazário, no programa de Comunicação e Semiótica, orientadora Prof.^a Dra. Maria Lúcia Santaella Braga. Dia 28/5/86 às 15 hs.



Gerson Sintoni



"Em sociedade tudo se sabe.
Mas nem tudo se revela..."

(Perry White, by permission)

Tava sujo. Pintaram com mural.



De longe, não se pode ver direito por causa dos carros que se amontoam.

De perto, bem de perto mesmo, se perde a noção do conjunto.

Mas está lá. As pessoas passam e vão vendo as imagens se formarem, junto ao passeio público.

Dividido entre dois artistas, o mural do Tuca — tinta sobre o compensado que isola as obras do teatro da rua Monte Alegre está pronto.

A esquerda, o Vitral, de Domingos Takeshita, feito depois de um passeio curioso entre os arcos do teatro, capta talvez um momento ontológico — seres diabólicos condutores de bombas de um lado, e de outro, angelicais criaturas de dedo em riste, aproximando-se de um planeta.

"No bairro as pessoas não se dão conta que aqui houve um ato criminoso"

O autor já foi estudante da PUC, fez o que ele mesmo chama de "universidade livre", cursos avulsos em diversas faculdades, e atualmente se dedica às artes plásticas, sendo que o mural é sua primeira experiência com um painel tão grande.

"É interessante o contato com a rua, as pessoas vêm a coisa acontecendo, para desmistificar essa coisa do artista

como um cara especial".

O mural começou a ser pintado no dia 19 de abril, por Domingos e Sandra Arruda, estudante do 4º ano de sociologia, mas sua história começou o ano passado, quando o SOS Tuca fez uma convocatória para chamar as pessoas interessadas.

Do lado direito o painel de Sandra é uma espécie de colagem de graffittis, com recortes de objetos do cotidiano urbano aplicados num fundo imaginário. "O desejo do painel é ser bonito, ter muita coisa misturada, assim como desejo que o Tuca não tenha só coisas de teatro, mas tenha lugar para várias coisas. Tem muita gente criativa na universidade, mas como não tem curso de artes, as pessoas estão dispersas, sem espaço".

Quando acabarem as obras, o destino dos painéis é incerto, mas isso não parece preocupar os dois artistas — "espero que consigam acabar as obras e que o Tuca entre no circuito. Com essa história de reconstrução ele ficou mais conhecido. Uma casa de espetáculo não pode ficar parada. É uma ode à vida, à beleza, à reflexão", ressalta Domingos.

Em tempo: Tintas Coral "paitrocinam" o mural e os artistas, por livre e espontânea vontade, o visual.

QUALQUER NOTA

Astros em Desfile

Em absoluto "off" passaram pela PUC nada menos que a nata dos outrora ídolos da canção popular.

Madame Wanderléia e Sir Peri Ribeiro numa reunião "top secret" com a Vice Reitora Acadêmica Silvia Lane e mais uma porção de estrelas dos mais variados quilates, atingindo a curiosidade do meio universitário.

Cansados do assédio da imprensa, preferiram não dar detalhes.

Se você pensa que tratava-se da organização de um big show estilo Live Aid, para salvar a PUC, engana-se. No caso, a reunião, organizada por Silvia Lane, faz parte de uma pesquisa sua sobre música popular.

Rasgando Seda

Os buxixos em torno da reconstrução do Tuca continuam mobilizando os mais variados canais.

No dia 29 de abril, o prédio da reitoria viveu uma reunião sem os habituais papéis e, atas e, representantes e negociações.

Regada a vinho branco e petit fours, um coquetel foi oferecido para os empresários José Carlos Villaça, gerente geral da divisão textil da Rhodia e Arnaldo Carraro, diretor superintendente da ITA (Indústria de Tapetes Atlântida) que estão colaborando com a reconstrução do teatro. A Rhodia cedeu a matéria prima e a ITA vai confeccionar os carpetes.

Na ocasião foi exibida a "Video-obra", realização global sobre a história do teatro, com uma série de entrevistas e "flashes" dos artistas que passaram por aqui durante todo o período da antiga vida do Tuca.

Entre pequenos constrangimentos e desajeitos causados pela formalidade do evento, fo-

ram oferecidas publicações da EDUC e não faltou um discurso, proferido pelo Reitor.

Otimista em relação às obras, Luis E. Wanderley salientou a participação dos artistas e agora dos empresários para a construção "e cada vez mais, com gestos colaboradores, vamos integrar a comunidade e a universidade. É belo que isso se faça pelo Tuca. A cultura é um elo que transforma a universidade".

Papiro de Alcova

Correndo de mão em mão um certo "Bay Bay, Puc" de cor quase púrpura.

Trata-se de um imperdível papiro de confissões da alcova em prosa e poesia.

Os autores — Marcelo Mazagão e Renato Ganhito — dividem o espaço em referências e depoimentos da vivência puqueana, entre desejos e reflexões estético-políticas.

Qualquer semelhança entre a capa do volante e o mural do Tuca não é mera coincidência — a mesma "grafiteira" experimentando os mais variados suportes artísticos — Sandra Arruda, também estudante da PUC, é autora dos desenhos.

Naftalinas Circulando

"Uma noite em Casablanca" é o nome do grande baile beneficente que o

SOS Tuca promove no dia 24/5 na choperia do Sesc Pompéia, rua Clélia.

Ingressos a 50 cruzados no SOS Tuca, a partir do dia 20.

O traje a rigor não é obrigatório, mas vai pegar muito bem.

Pizza a Jato

Para quem fica no ponto de ônibus da Cardoso de Almeida próximo ao nº 800, entre 22:30 e 23 hs, o principal entretenimento á, sem dúvida, o "racha" entre os motoqueiros-entregadores do Disque Pizza, serviço de pizza a domicílio situado na mesma rua.

Resta saber se os rachas influem na qualidade da comida.

Dentre as possibilidades aventa-se (e como venta-se...):

- A) que as pizzas chegam ainda cruas
- B) que as pizzas chegam já rachadas, facilitando os famintos consumidores.
- C) que as pizzas chegam frias
- D) que as pizzas não chegam
- E) que você pode ser atropelado por uma pizza voadora.

Sukiyaki à Moda

Namie Nakahara, aluna do Direito, lançando um disco mix com duas músicas — Sukiyaki e Como eu te quero — versões de músicas japonesas cantadas em português. Em todas as casas do ramo.

Jogo de Cintura

Aqui, as atividades esportivas que acontecem na PUC:

Final do PUC Calouros — Duas partidas previstas. No dia 14, às 12h00, a Semi-Final, com Vencedor (A) X Perdedor (B). Dia 15, mesmo horário, a Finalíssima, com Vencedor da Semi-Final X Vencedor (B). Nos jogos haverá a formação de equipe mista, para enfrentar depois a equipe campeã.

1ª Copa PUC de Voleibol — Os jogos terão início no próximo dia 14 e serão realizados às quartas e quintas, das 11h30 às 14h00.

Grupo de Dança da PUC — Quem estiver interessado em participar de um grupo de dança deve entrar em contato com o pessoal do CA de Letras, para maiores informações.

Seção Coruja

Os pequeninos continuam nascendo, e apesar do pequeno número de homens mais uma vez somam a maioria. São eles:

Verônica nasceu em 09/04 filha de Jether Abreu, da Facul-

dade de Economia Henrique nasceu em 11/04 filho de Roberto Berne, do C.C.J.E.A. Flávio nasceu em 17/04 filho de José Carlos Balduino, do Suporte Administrativo.

“La dolce vita” na PUC Sorocaba

Os filhos da PUC não circulam apenas pelas rampas da Monte Alegre. Em Sorocaba, interior de São Paulo, mais de 600 estudantes carregam os estandartes da PUC de uma forma peculiar e diferente dos da grande metrópole.

Sorocaba, aproximadamente 90 Kms da Capital, abriga uma unidade da PUC/SP — faculdade de Medicina e Enfermagem — com hospital e Pronto Socorro e mais de 600 estudantes que modificam o panorama desta cidade do interior, onde o beijo já foi proibido.

Os sorocabanos têm em baixa cotação os estudantes da PUC. A cada ano fica mais difícil arrumar um lugar para morar. Ir em festa da sociedade só em sonho. Os estudantes de Medicina e Enfermagem, apesar do status da profissão, não são bem cotados na cidade.

Esta má fama é uma tradição que as novas turmas, mesmo que novos motivos, têm de carregar. Os ex-alunos da PUC promoviam arruaças e eram péssimos locatários. Folclore à parte, o estudante de Sorocaba tem características especiais: enfrenta um curso pesado de esrito rigor científico e, principalmente, teve de sair dos braços da mãe para experimentar os prazeres e desprazeres da liberdade.

REP's — informais famílias de estudantes

O mercado imobiliário de Sorocaba vive em constane inflação. Todo ano, nas águas de março, novos estudantes procuram casas ou apartamentos para alugar e fundar uma república.

A república é uma casa dividida fraternamente por um grupo, onde as contas, tarefas e quartos são administrados democraticamente. A república é o ponto de encontro para estudos, festas e farras, farras tão tradicionais que viraram lenda como, por exemplo, o caso de um buraco de prego que transformou-se por “forças externas” numa janela para a sala e a cozinha, para facilitar a preparação de churrascos no meio da sala.

A tradição se mantém também na divisão dos sexos. As repúblicas mais famosas como a Rep'nique, Cracatoa, Rep'lesb's e TFP são masculinas e femininas. Marcelo Sampaio (mais conhecido como Cello) divide a casa com mais 7 e gasta mil cruzados por mês para comer, morar e passear, relativamente pouco em relação à mensalidade que paga pelo 2º ano de Medicina. Lígia Yuri, representando as meninas, declara números mais baixos: “600 cruzados por cabeça



Na foto acima um panorama geral da Faculdade de Medicina e Enfermagem de Sorocaba. Na foto à direita, acima, últimas tentativas no final de uma prova. Foto abaixo, empoleirados numa árvore os entrevistados homenageavam a faculdade. Foto à esquerda, fachada e membros da TFP, república dos filhos da PUC.



são suficientes para manter a rep's”.

Nem todas vivem sob regime de economia de guerra, existem repúblicas “american way of life” que têm até vídeo casete, conta Mauro Ferri, que divide uma casa com estudantes de engenharia e enfrenta o individualismo racionalista dos seus companheiros.

Apesar da fama, as rep's não são tao “zoneadas” como dizem. A reportagem visitou uma delas e o nível de bagunça não ultrapassa os limites do suportável. A geladeira estava cheia, a comida do jantar pronta e não foi vista nenhuma cueca jogada na sala. É importante frisar, porém, que a empregada havia saído minutos antes.

Sem carinho, sem afeto, sem o doce predileto

Além da mesada e da mensalidade, os pais pagam uma gigantesca conta de telefone, já que é comum baixar o astral dos filhos que estão longe de casa. O jeito é discar o DDD e chorar via Telesp nos ombros da família.

A sensação de falta e abandono é peculiar ao estudante de Sorocaba. “Em São Paulo eu tinha um milhão de amigos”, conta Pedro Paulo Correa (Pepe) que compensa esta perda com muita alegria e segundo seus colegas “vive só para a Medicina e faz curso de coroinha à noite”. Hoje Pepe acha a amizade que fez com o pessoal da sua rep's é muito superior às amizades que tinha, “somos como irmãos”.

Mesmo com irmandade, Cello lembra que ficou “perdidão” quando chegou e “até hoje pinta muita crise, a saída é pegar o telefone e ligar para a mãe”.

Além do Édipo, os estudantes sofrem a distância da separação dos seus bens. Mauro estava muito apaixonado quando mudou, ficou carente e perdeu a namorada. “No fim o relacionamento esfria e acaba. A tendência natural é se apegar em quem está mais próximo” acrescenta tendo o apoio de Vieira que acabou substituindo sua paixão por uma mais próxima.

A adaptação para Lígia foi muito mais difícil. Ela, como muitos, morou mais de 6 meses

num pensionato (em Sorocaba funcionam 4) enfrentando leis rígidas de um quartel (hora para entrar e sair, comida ruim e visitas proibidas).

Existe, também, uma minoria que tenta escapar da carência adotando o sistema heróico de patrulha rodoviária, indo e vindo todos os dias. Porém, no fim estes valentes viajantes descobrem como Cello que é mais divertido ficar, “com liberdade é diferente, eu adoro a minha família, mas não aguento ficar mais que um fim de semana lá”. E mesmo com crises, todos voltam para as provas e laboratórios da faculdade.

O mito da faculdade em cacoc

Depois de um longo e tenebroso ano de cursinho e madrugada em claro, a faculdade provoca uma grande decepção. A crise universitária é comum a todos os cursos, mas a PUC de Sorocaba assusta também pela aparência, que segundo os alunos “parece mais com um galinheiro”.

São muitas críticas: os laboratórios não funcionam direito,

falta material, professores, biblioteca e o auto-didatismo é, para alguns alunos, a única saída para aprender.

Apesar das deficiências materiais e humanas, os estudantes são muito exigidos pelos professores e pela própria prática do hospital. Esta pressão estimula a competitividade, tornando a rivalidade entre os colegas e a briga pela melhor nota muito comum na carreira, que será garantida com uma boa residência.

A panela de pressão apita, é hora da festa

Mesmo com a pressão dos mestres e com a sangrenta batalha pelo primeiro lugar, Sorocaba não é Paris, mas é uma festa, quando os estudantes saem na rua para se divertir.

Sorocaba é uma cidade que cresceu, mas oferece pouco aos jovens e todo mundo acaba se encontrando, diz Mauro. As praias mais visitadas pelo pessoal são os bares: Posto, Peixaria, Lanches Faculdade, Fuad e Grilo, todos próximos da PUC. Porém a colúma social acontece nas repúblicas que promovem festas e eventos todas as semanas, e naturalmente serões e estudos. A diversão quem cria é o estudante, para Pepe, “Sorocaba é uma cidade que morre à meia noite, quando o guardinha passa e diz que está tudo bem”.

Serenatas até em italiano, arrasam com o sono, acordando a cidade e movimentando a polícia. Mas além dos atos espontâneos existem “baixarias oficiais” como a Semana da Amizade, quando a lei é aprontar tudo com todos — guerra de feijão na rua, roubos de calcinhas e soutiens, pneus murchos e invasões incentivam a moçada a continuar estudando para as provas.

Todo ano os alunos organizam a festa das calouras e o show Med. A festa é promovida pelas garotas do 2º ano e as calouras apresentam um desfile brega, coroado no final por um gala gay de fazer inveja ao Guilherme Araújo.

O show Med acontece em outubro, os alunos decretam feriado e cada classe prepara a apresentação de uma peça e um número musical. Tudo é escrito, dirigido e produzido pelos alunos, num clima mais para Bocage do que Sheakespeare.

E apesar do branco e do uniforme obrigatório para assistir aula, o estudante de Medicina e Enfermagem não é tão sério e bitolado quanto se imagina. Vieira, tocado pela fama da PUC — Monte Alegre — diz que “em Sorocaba também tem louco”. Talvez a loucura seja no caso a única forma racional de enfrentar as milhares de páginas e teorias que precisam ser decoradas para um bom diagnóstico que decidirá entre a vida e a morte.